

HISTÓRIA DA CAPOEIRA CEARENSE NA VIDA DO MESTRE ZÉ RENATO

JOSÉ OLÍMPIO FERREIRA NETO

Mestre de Capoeira, Especialista em Educação, Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará – UECE, Licenciado em Biologia. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Culturais da Universidade de Fortaleza. Atua na Rede Pública de Ensino. E-mail: jolimpioneto@hotmail.com

Introdução: agachando na boca da roda para jogar

É no toque dos instrumentos da capoeira, comandado pelo berimbau gunga, que essa pesquisa se inicia, movido pela curiosidade, desde minha adolescência, por conhecer a história da capoeira e, mais tarde, a história da capoeira cearense. Além da curiosidade, a vontade de contribuir, com minha parcela, para o reconhecimento e valorização dessa arte em nosso estado. O primeiro contato para pesquisa com o Mestre Zé Renato, o protagonista dessa história de vida que será, inicialmente, narrada nesse texto, aconteceu em 2011, num evento do *Grupo Negaça Capoeira*, do Prof. Popó, hoje contramestre, integrante do *Grupo de Capoeira Confiança Brasil*. O mestre se mostrou muito receptivo em colaborar com o trabalho, mostrando-se honrado, porém os desencontros do cotidiano adiaram a entrevista.

No ano de 2012, inspirado a partir de estudos de Robson Carlos da Silva (2012), conhecido nas rodas de capoeira como Mestre Bobby, além das conversas oriundas dos laços de amizade, iniciei um estudo sobre a História da Capoeira no Ceará, foram elaborados e publicados dois artigos no mesmo ano, a saber: *A história da capoeira no Ceará nas décadas de 1980 e 1990 através da oralidade e memória* apresentado no *I Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas*; e outro intitulado *A história da capoeira cearense: Da visita de Mestre Bimba aos eventos intelectuais* apresentado no *XII Encontro de Pós-graduação da Universidade de Fortaleza*.

Foi também através do Mestre Bobby que me aproximei no ano de 2011 do Núcleo de Pesquisa em História e Memória da Edu-

cação – NHIME da Universidade Federal do Ceará, onde fiz uma rápida passagem e conheci o Dr. Gerardo Vasconcelos, pesquisador da capoeira. Essa breve experiência, deu-me a oportunidade de entrar de conhecer áreas de pesquisa como a história cultural, etnografia, história da memória, história oral e história de vida através da leitura de obras de autores como Le Goff (2003).

Essa pesquisa se cruza ainda com os Direitos Culturais, que alicerçado sobre o tripé artes, memória e fluxo dos saberes, tem como fundamento maior, o princípio da dignidade da pessoa humana (CUNHA FILHO, 2000). Meu contato com esse ramo jurídico se deu em 2011 ao cursar a disciplina de Direitos Culturais na Universidade de Fortaleza com o Dr. Humberto Cunha que me convidou para fazer parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Direitos Culturais. Desde então, iniciamos uma pesquisa intitulada *Capoeira: Patrimônio Cultural do Brasil* que se encontra em andamento, pesquisando temas relacionados à capoeira como o reconhecimento dos Mestres da Cultura pelo Estado.

Em 2008, a Capoeira foi reconhecida como Patrimônio Cultural Brasileiro e registrada¹ como Bem Cultural de Natureza Imaterial, a Roda de Capoeira e os Mestres de Capoeira foram registrados, respectivamente, no Livro das Formas de Expressão e no Livro dos Saberes, ambos elencados no Decreto nº 3.551/2000. Oriundos desse instrumento de proteção do patrimônio cultural, uma política de salvaguarda é desenvolvida. O Edital *Viva Meu Mestre*, uma dessas políticas de salvaguarda oriundas do registro, contemplou o Mestre Zé Renato, elencando o mesmo entre cem mestres no Brasil reconhecidos pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, autarquia do Governo Federal vinculada ao Ministério da Cultura.

¹ Para Cunha Filho (2000), o Registro é “uma perenização simbólica dos bens culturais. Esta perenização dá-se por diferentes meios os quais possibilitam às futuras gerações o conhecimento dos diversos estágios porque passou o bem cultural”.

Ambos os artigos citados acima, sobre a história da capoeira cearense, publicados e apresentados em 2012, trouxeram algumas referência ao nosso protagonista, informações que tiveram como fonte, dois cordéis. O Mestre Zé Renato, depois de ler esses artigos, ofereceu-se para colaborar na pesquisa. Um encontro foi marcado para realização de uma conversa inicial sobre capoeira que foi gravada e transcrita para análise e base inicial para o trabalho que se desenvolve. Então em 2013, iniciei uma nova fase da pesquisa, com o primeiro encontro, através da mediação de um capoeirista, chamado Camisola, realizado no dia 14 de janeiro de 2013, na oportunidade foi gravado um bate-papo de pouco mais de 75 minutos que será a base de discussão nesse texto. No mesmo ano, iniciamos a escrita sobre a História de Vida do Mestre Zé Renato.

Apresentamos e publicamos dois artigos, o primeiro intitulado *Mestre Zé Renato, Capoeirista: Iniciando Pesquisa sobre História de Vida* apresentado em setembro de 2013, no *XII Encontro Cearense de História da Educação – ECHÉ e II Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação – ENHIME* e o segundo intitulado *História de vida do Mestre Zé Renato: um Tesouro Vivo cearense*, sob a orientação do Prof. Dr. Robson da Silva, apresentado em outubro de 2013, no *XIII Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade de Fortaleza*. No primeiro texto, tentou-se descrever o caminho metodológico que seria traçado, além de busca por referencial teórico que tratasse da temática, no segundo iniciou-se uma discussão sobre o reconhecimento por parte do Estado.

Essa pesquisa localiza-se no campo da História e Memória da Educação, tendo em vista que a capoeira é uma prática cultural e educacional no cenário escolar cearense e para além deste. Tenta responder a seguinte indagação: Qual a importância do papel de José Renato Vasconcelos de Carvalho, o Mestre Zé Renato, para a genealogia da Capoeira no estado do Ceará? Tratando de uma pesquisa que busca a elaboração de uma narração sobre a genealogia da capoeira cearense a partir da história de vida do Mestre Zé Re-

nato, propõe-se como objetivo maior narrar a história de vida do Mestre Zé Renato no universo da capoeira, desenhando assim uma genealogia da capoeira cearense como uma prática cultural e educativa presente em escolas, ruas e outros espaços, onde a roda de capoeira e os mestres participam do desenvolvimento dos sujeitos envolvidos.

O treino antes da roda

Antes de se agachar ao pé do berimbau é necessário o treino para aperfeiçoar a técnica e ter um arsenal de movimentos para escolher a melhor tática que se aplica no jogo. Nesse momento, apresenta-se, brevemente, o desenho metodológico da pesquisa e a apresentação da fundamentação teórica, a técnica usada para o desenvolvimento da pesquisa e, consequentemente, desse texto.

Esse trabalho se desenvolve buscando o estudo da história cultural sob os alicerces da memória (LE GOFF, 2003) e história oral para contar a história de vida (VASCONCELOS, 2011) do Mestre Zé Renato, descrevendo assim, uma genealogia da capoeira cearense, além da utilização das pesquisas de Silva, R. C. (2012) e Silva, S. C. (2013), norteadores desse estudo, pois ambos aglutinam em seus trabalhos o que se propõe aqui, ou seja, a pesquisa da capoeira a partir da história oral e narrativa de história de vida para construção da história da capoeira local.

Nos passos de Vasconcelos (2009, p. 51) essa pesquisa utiliza-se da “[...] memória como procedimento metodológico. Não acredito em uma hierarquia de fontes primárias. O documento sempre foi tão importante para mim quanto qualquer relato oral, incluindo a lembrança e o esquecimento”. Exercita-se o ouvir e tenta-se relatar criticamente a história contada pelo Mestre Zé Renato com os esquecimentos e lembranças inerentes. Assim como Silva, R. C. (2012), citando Portelli, opta-se “[...] por seguir uma abordagem que considera o trabalho com fontes orais uma arte de escutar, com

foco na técnica da entrevista aberta, entendendo ser a entrevista uma troca entre dois sujeitos, pelo estabelecimento de uma espécie de mutualidade”.

A Capoeira foi considerada durante muito tempo uma prática marginal e foi bastante perseguida. O Código Penal do Império do Brasil, de 1830 traz a figura do capoeira de maneira implícita criminalizando sua prática, no capítulo IV que tratava Dos vadios e mendigos. Com a Proclamação da República, perseguição continua explicitamente, o Código Penal da República dos Estados Unidos do Brasil de 1890, deu-lhe um tratamento específico no capítulo XII, intitulado Dos vadios e Capoeiras (REGO, 1968).

Manoel dos Reis Machado, o famoso Mestre Bimba, na década de trinta, propõe um método de ensino que tira a prática do rol das atividades proibidas pelo governo. Foram agregados diversos elementos da cultura militar e acadêmica à essa cultura de origem afro-brasileira. Praticada às escondidas em quintais e terreiros, nesse novo contexto passa a figurar em desfiles cívicos, praticada em clubes, quartéis e escolas. A Capoeira chega às escolas com Aristides Pupo Mercês, onde inicia seus trabalhos com crianças e adolescentes na Escola Tomaz de Aquino, em Salvador, no ano de 1964 (CAMPOS, 2001). No cenário da capital cearense, a capoeira surge, no ano de 1972, com o Mestre Zé Renato através dos espaços escolares. As escolas Oliveira Paiva e Castelo Branco foram as duas primeiras instituições oficiais de ensino, onde o mestre iniciou seu ofício (CARVALHO FILHO, 1997). A escola relaciona-se com a comunidade de seu entorno aceita em seu interior a diversidade cultural e para novas práticas educativas. A Capoeira, atividade que representa o povo brasileiro, fruto da mistura das raças que já ganhou o mundo, pode figurar como uma dessas novas práticas (FERREIRA NETO, 2013; SILVA, R. C., 2012).

Entende-se, aqui, a figura do Mestre como um educador, sua relação com o aluno é pessoal, estende-se para além da roda de capoeira, preocupa-se com a vida e o desenvolvimento de seus dis-

cíbulos. Seu saber oferece a manutenção viva da memória do conjunto de conhecimentos não formais, não institucionalizados e que compõem e mantém viva a consciência coletiva ritualística e ancestral dessa prática cultural, nos remetendo ao entendimento de Le Goff (2003) que constantemente defende a pesquisa da memória do homem comum, das recordações e histórias locais.

Entrando na roda

Em seu momento de narrativa, José Renato Vasconcelos de Carvalho, assim como o personagem escolhido pelo Prof. Dr. Gerardo Vasconcelos (2011), Francisco Siqueira de Lima, recorre à memória para discorrer sobre várias experiências e aprendizagens construídas ao longo da vida. Há uma mistura de mágoa e orgulho, orgulho pelo o que fez e reconhecimento de muitos, mágoa pela falta de reconhecimento de outros.

Percebendo a contribuição que os estudos biográficos oferecem à compreensão da história (MACHADO, 2011), pensou-se ser relevante o uso desse método para o desenvolvimento dessa pesquisa. Desenhando-se, assim, um estudo dos excluídos, dando voz aos que não têm, é uma biografia produzida tendo como base uma história de vida vista de baixo e alicerçada na memória de um capoeirista símbolo. É uma pesquisa de natureza qualitativa com o emprego da abordagem da história oral, onde pesquisador e pesquisado se envolvem de forma integral mediados pelos valores, relações, saberes, concepções, interesses e entendimentos oriundos das diversas experiências dentro do universo cultural em estudo. É necessário pensar o lugar da oralidade na pesquisa.

[...] A memória é aqui tematizada como um olhar metodológico possível sobre a história recente. Não convém, nesse caso, utilizá-la como mero apêndice da história documental. Não é a verdade o centro de nossa investigação, pois entendemos que os elementos subjetivos e certas deformações

produzidas pelo esquecimento devem ser incorporados teórica e metodologicamente à pesquisa, não como um problema mas, principalmente, como possibilidades de deslocamentos e incorporação de sempre novos sentidos (VAS-CONCELOS, 2011, p.55).

Até o momento, foram gravados 75 minutos de conversa com o personagem principal dessa proposta de narrativa. A mesma foi transcrita com decodificação e organização buscando definir espaço e tempo através de uma análise. Como resultado desse processo, pensou-se em dividir, inicialmente, nos seguintes assuntos, a saber, *Genealogia: início e discípulos; Capoeira nas escolas, ruas e em outros espaços*; e por fim, *Reconhecimento do Governo e da comunidade*. Este último tema foi abordado, brevemente, em um dos artigos dessa pesquisa. Para esse momento optou-se por discutir sobre a gênese da capoeira cearense que perpassa por vários espaços institucionais ou não.

No jogo com o Mestre Zé Renato: a gênese da capoeira cearense

Nessa pesquisa, não há a intenção de confundir a trajetória do referido mestre com a genealogia do ensino da capoeira no Ceará, mas conhecer sua história para traçar as veredas percorridas, ou melhor, as veredas abertas por essa personagem símbolo dos capoeiristas cearenses. Mesmo considerado um homem boêmio e andarilho, isso não desqualifica sua participação nesse ato inicial de estabelecimento das primeiras bases da capoeira cearense, mesmo sendo de outra cidade, estabelece raízes em Fortaleza, lugar onde cresceu grandes capoeiristas que partiram para o exterior e expandiram uma maneira de jogar cearense.

Eu tive meus erros, né? De boêmio. Eu tive farra, mas entendo, mas na hora de dizer de trabalhar com a capoeira, eu era outra pessoa e tratar a capoeira como trata a história. E a história pra mim é como a matemática tem que ser correta,

eu digo é certeza e outra coisa também. Enquanto eu ainda tenho memória que é só o que não me falta é a memória. Acho que nunca vai escapar... Porque o que eu acho mais chato é a mentira, entendeu? Num gosto... (sic) (CARVALHO, 2013).

Certamente, o referido mestre não foi o primeiro a dar pernadas nas terras de Iracema. Não se deseja verificar se essa personalidade é verdadeiramente o primeiro a iniciar trabalhos de capoeira no Ceará, o que é muito provável. Se ele diz que é o pioneiro, é preciso que o deixe dizer, pois é o que apresenta mais argumentos plausíveis para ser apontado como um símbolo cearense da capoeira. Sem dúvida é uma personagem que faz parte do desenvolvimento dessa manifestação cultural na *Terra da Luz*. Sua relação com a História da Educação no Ceará verifica-se por sua veia artística e de educador. Firma a Capoeira no cenário cearense através da escola pública.

Mestre de Capoeira, artesão e folclorista, José Renato Vasconcelos de Carvalho contribui para a inovação de uma prática cultural educativa. Nas palavras do poeta cordelista Carvalho Filho (1997, p.01):

Em vinte e quatro de maio
De cinquenta e um nasceu,
Em Crateús e cresceu
Na arte fazendo ensaio,
Para brilhar como um raio,
O artista Zé Renato;
Mestre em artesanato
E também em capoeira,
Essa luta brasileira
Feita por negros no mato.

O Mestre Zé Renato, filho primogênito entre os sete de Joaquim Severiano Carvalho e Vicência Vasconcelos Carvalho. Sua veia artística, segundo o mesmo, é herdado do lado materno da família. Entre os familiares, tocadores de instrumentos, cantores e artesãos

(SILVA, C. S. 2013). Ele conta que o nascimento da Capoeira em terras alencarinhas ocorreu em 1970, o mesmo fala que:

Em 1970, não existia aqui, dizendo popularmente, na época, não existia um pé de capoeira na nossa cidade. Quando eu comecei [...] com a capoeira aqui foi uma necessidade porque na época eu ensinava educação artística em alguns colégios dentro de Fortaleza e a gente participava de gincanas, gincanas patrocinadas pela antiga TV Ceará e pediram na época uma atração que fosse da Bahia, que mexesse com a arte da cultura negra. Aí como eu mexia com capoeira. Eu... sabe duma coisa, vou começar a fazer alguma coisa, porque eu sabia que tinha tendência pra jogar capoeira. Já aprontava aqui algumas danças folclóricas e notava que esse povo de Fortaleza tinha ritmo, né? Porque naquele tempo pensava muito na capoeira como folclore, né? Não como arte em si, não como esporte como pregam hoje, que tem gente que fala mais da sua parte esportiva do que na parte cultural dela. [...] Eu notei que, que havia uma facilidade do povo pegar a capoeira [...] Fizemos um trabalho de três meses para a gente montar. Eram golpes ensaiados, golpes ainda se arrastando, mas... o pessoal pegaram logo o toque de berimbau, os cânticos, [...] com três meses a gente apresentou pela TV Ceará [...] aquilo foi se tornando assim popular dentro de Fortaleza. Se alguém antes tentou fazer a capoeira, não teve a sorte que eu tive de ter um instrumento como a TV, né? (sic) (CARVALHO, 2013).

O mestre teve a mídia como registro de seus passos iniciais. Sendo registrado sua passagem e marcado seu nome na história dessa prática cultural. Ele ensinava em Escolas, pois tinha formação pedagógica em nível de 2º grau com estudos em Educação Artística. Esse curso, como ele mesmo diz: [...] *Era, era valorizado. Com curso de grau acadêmico que é educação artística, música, iniciação musical, de coral, de teatro. Aí, e tem outras artes que eu faço que é o teatro de bonecos, teatro popular, teatro de rua... Tenho a prática circense também (sic) (CARVALHO, 2013).* Sua particular afeição pela arte o aproximou do viés artístico-cultural da capoeira. Sabe-se, hoje,

que a capoeira pode se apresentar de diversas formas, aponta-se, sobretudo, os vieses esportivo e cultural que apresentam, ambos, diversas nuances.

Segundo o mestre, não havia pretensão, por parte dele, ser o protagonista da gênese da capoeira cearense. A mídia *...foi divulgando aquilo e como a gente fazia uma coisa amistosamente, sem esse, esse, essa ganância de querer ser o pioneiro, mas que na realidade nós estávamos sendo pioneiros* (CARVALHO, 2013).

Seus passos iniciaram um pouco antes,

Início na minha própria terra, em Crateús, Ceará. Eles tinham um batalhão do exército. Que vinham muitas pessoas de fora. Oficiais, sargentos, tenente e tudo. E por coincidência tinha um oficial lá que tinha sido aluno do Mestre Bimba, né? Era baiano, aliás, ele era gaúcho, mas tinha passado um tempo na Bahia, tornou-se um admirador do Mestre Bimba e tal e passou algumas coisas para mim na época. E eu me apaixonei, porque eu era uma pessoa muito... muito ligada com o circo... (sic) (CARVALHO, 2013).

É por volta do ano de 1960, que muitos militares chegam a Crateús para o Quarto Batalhão de Engenharia de Construção, entre eles Cipolati, um sargento gaúcho que residiu na Bahia. Foi ele o responsável pela iniciação do então futuro mestre cearense (SILVA, C. S. 2013).

Atribui à sua paixão pela arte a facilidade e habilidade de trabalhar com a capoeira.

Eu gostava bastante. Meu sonho era ser um... um artista de circo, né? E... aí via a capoeira como uma coisa que tava em mim. Impregnou em mim, né? A capoeira porque tinha todo esse contexto, né? De arte, eu já nasci um artesão, a minha família é uma família de artesãos, de artistas, de cantores. [...] E vi a capoeira com esse conjunto todo, né? Então daí, eu tive a sorte de também bem novo, com onze anos ir pra Bahia pra morar com um tio meu e lá quando eu vi mesmo a nata da capoeira (sic) (CARVALHO, 2013).

Viajou por muitos estados e aprendeu capoeira com muitos mestres. Entre os estados que visitou faz referência especial ao Maranhã, Bahia e Rio de Janeiro. Teve contato com Mestre Bimba e Mestre Pastinha, os grandes nomes da capoeira, este principal expoente da Capoeira Angola e aquele da Capoeira Regional. Lembra com saudosidade de Mestre Leopoldina o qual atribui grande peso à sua formação.

Capoeira ele ia
Treinar em Leopoldina
Que achava gente fina
E de grande simpatia
Zé Renato adquiria
Com ele habilidade
Pois queria na verdadeira
Ficar mais capacitado
Conseguiu bom resultados
E muita praticidade (CARVALHO FILHO, 2010, p. 06).

Foi fundador de dois Grupos de Capoeira, o Xangô e o Alma Negra, este marcou o retorno de suas atividades nos fins da década de 1980, após um afastamento do universo da capoeira, aquele foi a primeira experiência em grupo, fundado na década de 1970 (SILVA, C. S. 2013). Sobre os dois grupos o cordelista poetiza:

[...] foi em setenta e quatro,
Que ninguém esqueça pede-se,
Que no Presidente Médiçi
Teve início de fato
O Xangô de Zé Renato [...] (CARVALHO FILHO, 1997, p. 12).

Foi um tronco de árvore que com seus galhos deu forma a capoeira cearense. Entre seus discípulos que desenvolveram trabalhos, os principais são: Mestre João Baiano, Mestre Everaldo, Mestre Zé Ivan e Mestre Jorge Negão. Quem vive na capoeira cearense pode constatar isso entre conversando com os mestres mais antigos da cidade. Sobre esses dois momentos, Silva, C. S. (2013, p. 201) narra:

Foi no CSU Presidente Médici em que houve identificação dos alunos com a prática, lá se encontram os quatro mestres que formou, são eles, Jorge Negão, Everaldo, João Baiano e Zé Ivan. Juntos percorriam a cidade fazendo apresentações para divulgar a prática [...] Esses eventos marcam a década de 1970 e o nome desse primeiro grupo chamava-se Xangô [...].

Após essa fase, que, provavelmente, tenha sido o auge de sua trajetória, parte de sua terra, a modelo de Bimba e de muitos outros capoeiristas, em busca de novas oportunidades financeiras com a capoeira. Passou seis anos fora, e se comunicava com os alunos por cartas. Ao retornar dedicou-se ao ofício de artesão. Pouco depois, “[...] nos fins da década de 1980, retornando às atividades de capoeirista, monta o grupo Alma Negra, no bairro Carlito Pamplona” (SILVA, C. S., 2013, p. 202). Logo em seguida, é acometido por um quadro crítico de saúde, mesmo assim, não sai do cenário da capoeira cearense e continua abrilhantando os eventos de capoeira. Em sua própria fala: *O Alma Negra foi, assim, de muita insistência que algumas pessoas queriam que eu voltasse e tudo. Voltei, aí depois de uns quatro anos... Fui acometido de uma... um problema de saúde, aí deixei pra lá. Aí, vim desde esse tempo. Venho com problema de saúde, né?* (CARVALHO, 2013).

O mestre ainda fundou
Outro grupo: O Alma Negra.
Depois de três anos, chega!
Disse ele e acabou [...] (CARVALHO FILHO, 1997, p. 16).

Nesse período que o mestre passou em outro Estado, o Mestre Esquisito esteve no Ceará dando sua contribuição. Quando perguntado sobre esse mestre, fala o seguinte:

[...] veio fazer um trabalho aqui, soube que tinha um pessoal aqui... Os meninos já davam aula. Everaldo pra cá, Mestre Ivan pra lá. Tanto é que o Mestre Zé Ivan deu muita aula pro

Paulão [...]. Então, o que acontece é que assim... aí ele começou chamar o pessoal pra treinar e tudo. Aí disse: - [...] vocês já tem um aprendizado bom de capoeira, mas por que vocês não têm graduação? - Não porque o nosso professor não tinha muito interesse, negócio de corda e tudo (sic) (CARVALHO, 2013).

Os capoeiristas que citei em trabalho anterior, a saber, Paulão e Espirro Mirim, que foram referências importantes para mim e para capoeiristas que iniciaram nas décadas de 1980 e 1990, também tiveram suas raízes na escola do Mestre Zé Renato.

[...] Eu não posso mais influenciar vocês na parte de tipo de capoeira. É porque a Regional tá tomando conta do Brasil [...] e vocês têm que seguir, pode aceitar que cor é o tipo dessa graduação? Amarelo, ops... Azul, Azul e branco... isso é... tem a ver com a capoeira, pode usar, foi assim, aí foi, aí foram se graduando... e eu observando, toda vida eles foram do meu lado, entendeu?... Existia naquele tempo fidelidade, coisa que hoje não existe, né? A fidelidade era muito grande, tanto é que eu formei mestre, só queria que eu... é... a formatura eles num aceitou de jeito nenhum, de ninguém, nem de Esquisito, nem de Tabosa, nem de ninguém, só aceitava se fosse eu porque eu é quem tinha botado eles no mundo da capoeira. Isso é uma coisa que eu tenho muito orgulho (sic) (CARVALHO, 2013).

É notório que sua fala não esconde as contribuições de outros mestres. Sua história está entrelaçada na história da capoeira cearense, na história de vida de outros mestres. Se ele reivindica algo? Faz somente, dizer quem é e o que fez, ninguém pode lhe tirar isso, apagar ou diminuir o brilho. É, certamente, o Mestre Zé Renato o pioneiro da capoeira cearense.

Considerações: dando a volta ao mundo

A volta ao mundo é usada para descansar ou para reorganizar o jogo. Nesse momento, não se pode finalizar a pesquisa.

Por hora, apresentou-se parte da narrativa da História de Vida do Mestre Zé Renato. Percebendo a contribuição que os estudos biográficos oferecem à compreensão da história (MACHADO, 2011), pensou-se ser relevante o uso desse método para o desenvolvimento dessa pesquisa. Desenhando-se, assim, um estudo dos excluídos, dando voz aos que não têm, é uma biografia produzida tendo como base uma história de vida vista de baixo e alicerçada na memória de um capoeirista símbolo.

Nas trilhas de Vasconcelos (2011) buscou-se situar o indivíduo, no caso o Mestre Zé Renato, no centro da história e da memória, dedicando uma atenção especial à sua trajetória conforme uma cronologia organizada relacionando sua vida no contexto sócio histórico em que se insere. Alia-se a participação observante à memória, através da oralidade. Trata-se de uma narrativa de uma história recente, do registro de uma história de vida com suporte metodológico na memória e oralidade através da impressão pessoal de mais de vinte anos.

Nesse texto tentou-se recuperar, descrever e desenhar um quadro narrativo onde o indivíduo e o coletivo dialogam. À medida que os depoimentos são narrados pode-se conhecer a própria visão que o personagem tem de sua vida e do mundo ao redor. Espanta a lucidez com que descreve sua vida, sem contradições com o que foi dito em outros momentos, além das observações sobre as rodas, os jogos e os rituais na capoeira cearense de hoje. Agora, o próximo passo é tomar fôlego para continuar e terminar o jogo.

Referências bibliográficas

BRASIL. **DECRETO 3.551 de 04 de agosto de 2000**. Disponível em: <http://legislacao.planalto.gov.br/legisla/legislacao.nsf/Viw_Identificacao/DEC_3.551-2000?OpenDocument> Acessado em 04 de fevereiro de 2011.

CAMPOS, Hélio. **Capoeira na Universidade: uma trajetória de resistência**. Salvador: EDUFBA, 2001.

CARVALHO FILHO, José Bento de. **Capoeira: a história do Mestre Zé Renato**. Literatura de cordel. Fortaleza – CE, 1997.

_____. **Capoeira no Ceará: A saga do Pioneiro Mestre Zé Renato**. Literatura de cordel. Fortaleza – CE, 2010.

CUNHA FILHO, Francisco Humberto. **Direitos Culturais como direitos fundamentais no ordenamento jurídico brasileiro**. Brasília: Brasília Jurídica, 2000.

FERREIRA NETO, José Olímpio. **A história da capoeira no Ceará nas décadas de 1980 e 1990 através da oralidade e memória**. In: I Encontro Internacional História, Memória, Oralidade e Culturas, Fortaleza, UECE, 2012. Disponível em: <http://www.uece.br/eventos/encontrointernacionalmahis/anais/trabalhos_complexos/52-5434-26082012-231518.pdf> Acessado em 12 de maio de 2014.

_____. **A história da capoeira cearense: Da visita de Mestre Bimba aos eventos intelectuais**. In: XII Encontro de Pós-graduação da Universidade de Fortaleza, Fortaleza, UNIFOR, 2012. Disponível em: <<http://www2.unifor.br/encontros/PDFs/8735%20-%20Resumo.pdf>> Acessado em 04 de maio de 2014.

_____. **Mestre Zé Renato, Capoeirista: Iniciando Pesquisa sobre História de Vida**. Trabalho apresentado em setembro de 2013, no XII Encontro Cearense de História da Educação – ECHÉ e II Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação – ENHIME, 2013.

_____. SILVA, Robson Carlos. **História de vida do Mestre Zé Renato: um Tesouro Vivo cearense**. In: XIII Encontro de Pós-Graduação e Pesquisa da Universidade de Fortaleza, 2013. Disponível em: <<http://hp.unifor.br/encontros2013/PDFs/15212%20-%20Resumo.pdf>> Acessado em 04 de maio de 2014.

CARVALHO, José Renato Vasconcelos. **Entrevista do Mestre Zé Renato concedida ao José Olímpio Ferreira Neto sobre sua história de vida**. 75 min. Fortaleza, CE, 14 de janeiro de 2013.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução de Bernardo Leitão [et al.]. Campinas: Unicamp, 2003.

MACHADO, Charliton José dos Santos. **Biografia e História de vida: Pesquisa em debate**. In: MACHADO, Charliton José dos Santos [et al.]. *O Barão e o Prisioneiro: biografia e história de vida em debate*. Fortaleza, Edições UFC, 2011.

REGO, Waldeloir. **Capoeira Angola: Ensaio Sócio-Etnográfico**. s/ed., Salvador, BA: Editora Itapuã, 1968.

SILVA, Robson Carlos. **As narrativas dos Mestres e a História da Capoeira em Teresina/PI: Do pé do berimbau aos espaços escolares**. Tese de Doutorado, Fortaleza, UFC, 2012.

SILVA, Sammia Castro. **Protagonistas no Ensino da Capoeira no Ceará: Relações entre lazer, aprendizagem e formação profissional**. Dissertação de Mestrado, Fortaleza, UFC, 2013.

_____. **Zé Renato, Trajetória de Vida**. In: VASCONCELOS, José Gerardo [et al.]. *Pesquisas biográficas na educação*. Fortaleza, Edições UFC, 2013.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Na cadeia também se aprende a ler e a escrever: Histórias e Memórias de Francisco Siqueira de Lima**. In: MACHADO, Charliton José dos Santos [et al.]. *O Barão e o Prisioneiro: biografia e história de vida em debate*. Fortaleza, Edições UFC, 2011.

_____. **Besouro cordão de ouro: o capoeira justiceiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.